

NOVAS TECNOLOGIAS DE MEDIAÇÃO E COMUNICAÇÃO COMO EXTENSÃO DA ESCOLA CONTEMPORÂNEA*

*Marcus Guilherme Pinto de Faria Valadares/ PUC-MG
Cláudia Almeida Rodrigues Murta/ UFU*

RESUMO: A escola contemporânea pode ampliar sua atuação por meio dos recursos digitais, compartilhando conhecimentos e estreitando as relações sociais com seus alunos, promovendo o letramento digital. O ambiente das redes sociais pode potencializar a aprendizagem do aluno, integrando-o à inteligência coletiva. O objetivo deste estudo é discutir sobre as potencialidades das novas tecnologias digitais de informação e comunicação na educação no sentido de ampliar o letramento dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Escola contemporânea. Novas tecnologias de mediação e comunicação. Propiciamentos. Letramento digital.

INTRODUÇÃO

A escola contemporânea convive com as novas tecnologias digitais da informação e da comunicação, visto que a grande maioria de seus alunos tem acesso a celulares, computadores e internet, a despeito dos programas governamentais e privados de informatização das escolas sempre muito lentos, o que torna essa convivência nem sempre harmônica. Pensando nisso, e concordando com a afirmativa de Demo (2010) de que não é possível educar os estudantes de hoje com escolas de ontem, é que pretendemos empreender a discussão sobre as redes sociais como extensão da escola contemporânea. Nesse sentido, acreditamos que os professores necessitam conhecer e reconhecer o uso rotineiro das ferramentas digitais nas vidas dos alunos, nas palavras de Bax (2003), a naturalização das novas tecnologias na sala de aula, e buscar alternativas pedagógicas que integrem tais ferramentas no processo de ensino e aprendizagem.

As novas tecnologias de mediação e comunicação exercem hoje uma influência significativa nas relações sociais, especialmente nas dos mais jovens. Os adolescentes, especialmente, com o advento da internet e da criação das redes de relacionamento, passam horas a fio logados nos computadores com seus amigos virtuais. Diante desse fato, nos questionamos sobre a possibilidade de a escola aproveitar o potencial das novas tecnologias da informação e comunicação para extrapolar seus muros e adentrar no universo virtual,

* Acesso ao registro da comunicação em Fórum: <http://www.textolivre.org/forum/viewtopic.php?f=12&t=3847>.

ampliando sua interação e atuação na vida do aluno. Para sustentar nossa argumentação, buscamos subsídios na confluência de estudos de orientação social ligados à Sociolinguística, à Ecolinguística e à Psicologia Cognitiva. Esses estudos nos guiarão no entendimento da aprendizagem como um processo nascente da relação entre aprendiz, novas tecnologias de informação e comunicação (ambiente) e *affordance*.

AFOORDANCES, LETRAMENTOS E COGNIÇÃO DISTRIBUÍDA

Vygotsky (1993) concebe o homem como um ser histórico e produto de um conjunto de relações sociais. O estudioso considera que a consciência é engendrada no social, a partir das relações que os homens estabelecem entre si, por meio de uma atividade sócio-cultural, portanto, pela mediação da linguagem. Partindo do princípio de que é nas relações com o meio, no caso deste estudo, a rede social, e com o outro, colegas e professor, mediadas pela linguagem, é que ocorrerá o desenvolvimento sociocognitivo dos alunos. Na abordagem vygostskiana, o homem é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações que acontecem em sua cultura. Nesse sentido, as noções da Linguística Ecológica propõem uma teoria que vê a linguagem como um sistema dinâmico, como atividade no mundo e nas relações entre os indivíduos, comunidade e mundo (VAN LIER, 2002 *apud* SOUZA, 2011).

A perspectiva ecológica da Linguística, como nos mostra Paiva (2011) envolve entender de uma maneira mais contextualizada a interação humana com o processo de aprendizagem. Nesse cenário, surge o conceito de *affordances*¹ que foi cunhado por Gibson (1986) no campo dos estudos sobre ecologia. *Affordance* seria, então, algo que se refere, simultaneamente, ao ambiente e ao animal, não sendo possível relacionar-se a apenas um deles. Em outras palavras, “implica a complementaridade do animal e do ambiente” (GIBSON, 1986, p. 127).

A complementaridade a que Gibson (1986) se refere é exemplificada com os formatos de superfície terrestre. Os distintos formatos existentes propiciam comportamentos diferentes para diferentes tipos de animais, como também diferentes possibilidades de encontros. O meio ambiente oferece variadas maneiras de vida e, da mesma maneira, os animais possuem diversas formas de vida. O nicho, mais que significar onde o animal vive, mostra como o animal vive a partir do uso das várias possibilidades que esse nicho, entendido como um conjunto de propiciamentos, oferece. Vale enfatizar a capacidade do ser de tirar proveito de todas as oportunidades oferecidas. No caso da educação, esse propiciamento fruto da interação entre sujeito e ambiente seria a emergência do processo ensino e aprendizagem.

Em continuidade à ideia de propiciamento, é cara em nossa discussão o debate atual sobre letramento. Soares (2002), nas trilhas de Kleiman (1995, 1998), mostra que o “letramento são as práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que essas práticas são

1 Em língua portuguesa, o termo *affordance* é traduzido, por muitos autores, como “oportunidade”. Paiva (2009), que também já compartilhou a mesma tradução, propõe, no entanto, outra possibilidade, “propiciamento”, devido à ideia de bitransitividade que o conceito oferece. O ambiente propicia o sujeito, mas o sujeito também se propicia.

postas em ação, bem como as consequências delas sobre a sociedade” (p. 144). Tfouni (1988 *apud* Soares, 2002), por sua vez, define letramento em confronto com o de alfabetização. O primeiro envolve aspectos sociais e culturais da aquisição da escrita compartilhada por uma determinada sociedade, enquanto o segundo é voltado para a aquisição da escrita, do código. Em outras palavras, o primeiro tem um caráter social e o segundo individual. As mudanças sociais, históricas e discursivas decorrentes da incorporação da escrita – a mudança de condição de sociedade ágrafa para sociedade letrada – compõem, portanto, o conceito de letramento.

Segundo um caminho semelhante ao estabelecido pelos conceitos anteriores, Barton (1998 *apud* Xavier, 2005), afirma que o letramento é:

[...] uma prática cultural, sócio e historicamente estabelecida, que permite ao indivíduo apoderar-se das suas vantagens e assim participar efetivamente e decidir, como cidadão do seu tempo, os destinos da comunidade à qual pertence e as tradições, hábitos e costumes com os quais se identifica. A capacidade de enxergar além dos limites do código, fazer relações com informações fora do texto falado ou escrito e vinculá-las à sua realidade histórica, social e política são características de um indivíduo plenamente letrado (XAVIER, 2005, p. 2).

É na perspectiva desses autores que percebemos o letramento, não como uma simples codificação do código da escrita, mas como uma maneira de estar no mundo decorrente dessa tecnologia. Soares (2002) supõe “que as tecnologias de escrita, instrumentos das práticas sociais de leitura e de escrita, desempenham um papel de organização e reorganização desse estado ou condição” (p. 148). Podemos concluir, se considerarmos as palavras da pesquisadora, que a entrada das novas tecnologias na sociedade contemporânea reorganizaria essa condição na sociedade e, da mesma forma, demandaria novas habilidades de inserção nessa sociedade. Surge, então, o conceito de letramento digital.

Buzato (2003) define letramento digital, também chamado de letramento eletrônico, como um grupo de habilidades que possibilitam os indivíduos integrarem-se em práticas letradas contemporâneas, com o uso de aparatos das novas tecnologias. O letramento digital, contudo, ultrapassa a noção de conhecimento técnico, pois inclui habilidades de compreensão de diferentes tipos de texto – escrito, imagem, sonoro, que se encontram de forma multimodal, além da habilidade de procurar, avaliar e compartilhar informações, além de saber “comportar-se” com os demais membros em ambiente online, etc..

Segundo as palavras de Xavier (2005), dominar as habilidades de leitura e escrita é insuficiente para se tornar um letrado digital. Para o autor:

O *Letramento digital* implica realizar práticas de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização. Ser *letrado digital* pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital. (XAVIER, 2005, p. 2).

Ainda segundo Xavier (2005), o letramento digital envolve práticas de ensino/aprendizagem que não condizem com a noção de professor-emissor e aluno-receptor, que já estava sendo questionada. Entretanto, nesse contexto, o letramento digital seria não somente conduzido pelo professor, mas também pelo próprio aluno, que tem condição de se autoletrar e fazê-lo fora dos muros das instituições escolares.

Como nos mostra Paiva (2005), a leitura está profundamente enraizada em nossas vidas, pois faz parte de muitas das atividades do nosso cotidiano. A leitura, contudo, não se coloca, simplesmente, fala-nos Barros (2005), como um simples processo de decodificação, mas como uma habilidade importante para a compreensão da realidade em que o indivíduo está inserido, como também para o próprio desenvolvimento nessa realidade. Quais seriam, portanto, as habilidades essenciais para que uma pessoa seja considerada letrada?

As habilidades necessárias para se tornar um letrado vão desde o processo de manuseio das tecnologias de escrita - manusear o caderno, o lápis, a borracha -, que ajudaria o sujeito na vida escolar e, também, na vida social, em termos gerais, até as capacidades de decodificar, entender, problematizar e organizar diferentes tipos de texto. No contexto das novas mídias digitais, todas as habilidades do letramento anterior continuam sendo importantes, mas, agora, incorporam-se novas necessidades. De forma geral, Dias e Novais (2009) ressaltam as seguintes competências necessárias para se tornar um letrado digital: utilizar diferentes interfaces, buscar e organizar informações em ambiente digital, ler hipertexto digital e produzir textos (orais ou escritos) para ambientes digitais.

A escrita, por si só, já influenciou, decisivamente, o curso de nossa história, ao se compor (como várias outras), esclareceu McLuhan (1969), como uma extensão do próprio homem. A ideia de prolongamento do homem, encontrada também na Abordagem da Cognição Distribuída, desenvolvida por Hutchins (1995). Rogers (1997) introduz um novo conceito de cognição que “ênfatiza a natureza distribuída dos fenômenos cognitivos entre os indivíduos, os objetos e as representações internas e externas em termos de uma linguagem comum de ‘estados de representação’ e de ‘mediação’” (ROGERS, 1997, p. 2). Dessa forma, os processos cognitivos podem encontrarem-se tanto internamente (na mente do indivíduo) como externamente, na interação das pessoas com os objetos, como, por exemplo, no propiciamento de experiências de letramento (digital).

Dessa maneira, olhar o processo de ensino e aprendizagem a partir das lentes da abordagem da Cognição Distribuída é romper com as tradicionais perspectivas dentro/fora, que colocam cognição e cultura em posições diametralmente opostas. As atividades cognitivas transcendem as barreiras de atores individuais, contemplando também outros indivíduos e os variados artefatos que nos rodeiam. (ROGERS, 1997). É rompendo com as dicotomias e inserindo nas práticas pedagógicas as novas tecnologias de mediação e da comunicação que a escola contemporânea terá condições de educar a geração de nativos digitais.

CONCLUSÃO

A escola deve estar aberta para as novas modalidades de aprendizagem, que podem ser mais democráticas e responsáveis pelo desenvolvimento da cidadania, à medida que mais artefatos culturais são disponibilizados. A condição de letrado digital é hoje uma premissa de integração social, especialmente no mundo do trabalho, e a promoção do letramento digital deve ser mais uma das tarefas da escola. Conforme ressalta Silva (2003, p. 14), “na medida em que há uma apropriação efetiva das novas tecnologias de comunicação, alunos e professores podem fazer parte de uma nova escrita e de uma nova dinâmica educacional, participando do desenvolvimento destes gêneros emergentes, ao invés de ficar à margem deste processo”. A escola contemporânea não pode ficar alheia ao desenvolvimento proporcionado pelas novas tecnologias de mediação e comunicação, ela deve incorporar as novas tecnologias em sua metodologia de ensino de forma crítica e consciente, desenvolvendo a autonomia dos alunos, estendendo sua atuação para além de seus muros, adentrando no ciberespaço, propiciando a seus alunos um ambiente de aprendizagem integrado à inteligência coletiva das novas tecnologias de mediação e comunicação.

REFERÊNCIAS

- BARTON, D & HAMILTON, M. *Local Literacies: Reading and writing in one community*. London, Routledge, 1998.
- BAX, S. *CALL: past, present and future*. System, v. 31, n. 1, p. 13-28, 2003.
- BUZATO, M. Letramento digital e conhecimento. 28/01/2003. *Internet e Cia: informática na escola*. Entrevista concedida a Olívia Rangel Joffily. Disponível em: <http://www.educarede.org.br/educa/internet_e_cia/informatica.cfm?pagina=informatica_principal&id_inf_escola=14>. Acesso em: 15/03/2011.
- BARROS, M. G. . As Habilidades de Leitura: Muito Além de uma Simples Decodificação. *Psicopedagogia Online*, Portal Psicopedagogia Online, v. 1, p. 1-11, 2005.
- DEMO, Pedro. *Remix e Autoria: Entender a geração digital*. Disponível em: <<http://pedrodemo.sites.uol.com.br/textos/remix15.html>>. Acesso em: 2010.
- DIAS, M. C.; NOVAIS, A. E. Por uma matriz de letramento digital. *III Encontro Nacional sobre Hipertexto*. Belo Horizonte, 2009.
- GIBSON, J.J. *The ecological approach to visual perception*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1986.

- HUTCHINS, E. *Cognition in the Wild*. MIT Press, 1995.
- KLEIMAN, A. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 15-61.
- KLEIMAN, A. Ação e mudança na sala de aula: uma pesquisa sobre letramento e interação. In: ROJO, R. (Org.). *Alfabetização e letramento: perspectivas lingüísticas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 173-203.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969. 408 p.
- PAIVA, V. L. M. O. Desenvolvendo a habilidade de leitura. In: PAIVA, V. L. M. O. (Org.). *Práticas de ensino e aprendizagem de inglês com foco na autonomia*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005. p. 129-147.
- PAIVA, V.L.M.O. Propiciamento (affordance) e autonomia na aprendizagem de língua inglesa. In: LIMA, Diógenes (Org). *Aprendizagem de Língua Inglesa: histórias refletidas*. Vitória da Conquista: UESB, 2009, p. 151-161.
- PAIVA, V. L. M. O. *Affordances beyond the classroom*. (no prelo).2010 Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/beyond.pdf>>. Acesso em 10 Jan. 2011.
- ROGERS, Y. *A Brief Introduction to Distributed Cognition*. Interact Lab, School of Cognitive and Computing Sciences, University of Sussex, BRIGHTON,1997.
- SOARES, M. B. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. In: *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, 2002.
- SOUZA, V.V.S. *Uma textografia de ambientes virtuais de aprendizagem à luz do paradigma da complexidade*. Orientadora: Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
- TFOUNI, Leda Verdiani. *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*. Campinas: Pontes, 1988.
- VAN LIER, L. A. An ecological-semiotic perspective on language and linguistics. In: KRAMSCH, C. (Org.). *Language acquisition and language socialization: ecological perspectives*. London/New York: Continuum, 2002. p. 140-164.
- VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. Tradução de São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SILVA, Jan. Blogs: Múltiplas utilizações e um conceito. In: I CONGRESSO ANUAL EM CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, BELO HORIZONTE/MINAS GERAIS, XXV, 2003, Belo Horizonte. *Anais...* INTERCOM, 2003, p. 14.